

Óleo derramado

SINDICATOS Os petroleiros acusam a Petrobras de descumprir o acordo coletivo e entram em greve

POR VICTOR CALCAGNO

Cravado no Centro do Rio de Janeiro, próximo aos Arcos da Lapa, o prédio-sede da Petrobras é uma espécie de cartão-postal involuntário da paisagem urbana da cidade. Sem a tradicional forma de monólito das construções na região, mas com espaços vazados entre os blocos verticais de concreto, o que motiva tanto admiração quanto piadas sobre corrupção, o edifício tornou-se ponto comum para manifestações, principalmente depois das revelações feitas pela Operação Lava Jato.

Na tarde da sexta-feira 31, a agitação deu-se de outra forma. Um grupo de cinco funcionários da estatal resolveu ocupar uma sala no quarto andar, após representantes da companhia não concordarem com a proposta de negociação que evitaria as demissões de uma fábrica de fertilizantes no Paraná e deixarem a mesa de reuniões. Negadas as perspectivas de diálogo e munidos de alguns alimentos básicos, os cinco grevistas decidiram permanecer exatamente no mesmo lugar, de onde se recusam a sair até que a Petrobras resolva abrir um canal de debate, decisão que marcou o início da paralisação dos petroleiros em vários pontos do País e mobilizou centenas de funcionários na porta da empresa.

A Petrobras não divulga números oficiais, mas, segundo a Federação Única dos

Petroleiros, mais de 8 mil trabalhadores de 12 estados em refinarias e terminais aderiram à mobilização, que tem como uma das principais bandeiras a realocação dos funcionários na subsidiária Araucária Nitrogenados S.A, fábrica de fertilizantes a ser desativada. Duas unidades semelhantes, em Sergipe e na Bahia, haviam sido fechadas em 2019, mas naqueles casos a companhia ofereceu opções de transferência aos funcionários, o que não ocorreu desta vez.

Segundo a direção da companhia, a decisão de fechar a unidade deu-se pela “falta de sustentabilidade financeira do negócio” e que uma tentativa de venda ou arrendamento da subsidiária, como aconteceu com as unidades no Nordeste, não foi concluída. Uma empresa russa

Os sindicalistas dizem que o objetivo não é provocar o desabastecimento, mas vão manter o movimento por tempo indeterminado

desistiu de adquirir a planta. Funcionários da subsidiária iniciaram no fim de janeiro uma vigília em frente à sede da empresa no interior do Paraná.

A decisão de fechar a fábrica sem aviso prévio, argumentam os sindicalistas, fere o acordo coletivo do ano passado. Além disso, a FUP acusa a estatal de alterar o sistema de turnos ininterruptos de trabalhadores em revezamento sem diálogo prévio com as entidades sindicais, o que também fere o acordo de 2019.

Na manhã do sábado 1º, a Petrobras entrou com uma ordem judicial para retirar os grevistas do prédio. O pedido foi negado pela juíza Rosane Catrib. Na decisão, a magistrada infere que a ocupação não ameaça o funcionamento da empresa e que o protesto dos trabalhadores é “próprio do jogo democrático”. A companhia partiu para a truculência: cortou o fornecimento de luz e água no andar ocupado, mas a mesma juíza, Rosane Catrib, ordenou o restabelecimento dos serviços, sob pena de uma multa de 100 mil reais por hora.

Técnico de operação na Refinaria de Duque de Caxias, que amanheceu cercada por policiais na segunda-feira 3, e presidente do sindicato local, Simão Zanardi diz que a direção da estatal colocou um desmonte paulatino das atividades. “No acordo de 2019 existe uma cláusula segundo a qual a companhia não pode fazer demissões em massa e sem aviso prévio. Nas subsidiárias de Sergipe e Bahia, funcionários foram transferidos, mas não há essa perspectiva desta vez, mesmo que em unidades como a Reduc falem empregados.” A mesma falta de trabalhadores, afirma, teria motivado a mudança na tabela de turnos para compensar o déficit. A greve, garante o líder sindical, não tem o objetivo de provocar desabastecimento de combustível, mas, a depender da duração, o movimen-



to não garante que as “distribuidoras de gás venham a fazer estoque com o intuito de aumentar os preços”.

Em nota, a Petrobras afirma cumprir os compromissos firmados com as entidades sindicais, por isso considera o movimento “injustificado”. A empresa reforça que a fábrica paranaense tem gestão própria e autonomia estatutária e nenhum dos 396 funcionários diretos e os 470 terceirizados a serem demitidos têm vínculos empregatícios com a companhia. A decisão teria sido tomada diante de um prejuízo estimado em 400 milhões de reais, fruto das “condições atuais no mercado de fertilizantes adversas e sem perspectiva de melhora”.

A Petrobras afirma ainda ter se reunido com o sindicato no Paraná em 14 de janeiro para discutir a situação, conforme exige a Cláusula 26 do Acordo Coletivo, e

que oferecerá um pacote de benefícios aos atingidos. Além da multa rescisória, estão previstos um valor adicional entre 50 mil e 200 mil reais, a depender da remuneração e do tempo de trabalho, a manutenção dos planos médicos e uma assessoria de recolocação profissional.

Na segunda-feira, 3, um fato agitou a vigília na sede da estatal. A deputada federal Jandira Feghali, do PCdoB, foi proibida de entrar no prédio para conversar com os grevistas. “Eu me identifiquei e tentei entrar, mas um muro de seguranças me impediu, o que é uma inconstitucionalidade. Eu poderia tentar forçar a entrada, mas isso causaria um tumulto e colocaria em xeque a característica pacífica dessa greve, então preferi não tomar essa decisão”, conta a parlamentar.

No mesmo dia, o ministro Ives Gandra Martins Filho, do Tribunal Superior do

Balanco. Cerca de 8 mil petroleiros em 12 estados cruzaram os braços

Trabalho, notadamente de tendências antissindicais e antitrabalhistas, concedeu uma liminar à companhia na qual determina multa de até 500 mil reais às organizações dos funcionários caso não sejam respeitadas certas exigências, entre elas a manutenção dos serviços essenciais por meio de um contingente de, no mínimo, 90% dos empregados e o livre trânsito nas unidades. A FUP pretende recorrer da decisão. Enquanto isso, a paralisação está mantida nos mesmos moldes. Quanto tempo ela vai durar? “A hora que a empresa quiser de fato negociar, temos gente à disposição na sala de reuniões”, lembra Zanardi. •

FUP

